

J. P. PEIXOTO ▪ J. V. GONÇALVES ▪ A. A. MARQUES DE ALMEIDA ▪ J. T. OLIVEIRA ▪ J. P. OSÓRIO ▪ R. CARVALHO ▪ L. ALBUQUERQUE ▪ R. RODRIGUES
J. V. GOMES FERREIRA ▪ F. D. SANTOS ▪ A. J. ANDRADE DE GOUVEIA ▪ A. M. AMORIM DA COSTA ▪ B. J. HEROLD ▪ JOÃO L. L. C. OLIVEIRA CABRAL ▪ J. A. LEITÃO ▪ N. GRANDE ▪ J. C. DA COSTA ▪ A. RODRIGUES ▪ A. TORRES PEREIRA ▪ B. FERNANDES ▪ J. M. GIÃO T. RICO ▪ MILLER GUERRA ▪ M. PORTUGAL V. FERREIRA ▪ J. M. COTELO NEIVA ▪ A. RIBEIRO ▪ M. TELLES ANTUNES
F. C. GUERRA ▪ A. CORREIA ALVES ▪ F. CASTELO-BRANCO ▪ A. FERNANDES
A. R. PINTO DA SILVA ▪ C. M. L. BAETA NEVES ▪ A. X. CUNHA ▪ A. C. QUINTELA
SUZANNE DAVEAU ▪ ORLANDO RIBEIRO ▪ J. E. MENDES FERRÃO ▪ ILÍDIO AMARAL ▪ O. TEOTÓNIO DE ALMEIDA ▪ F. GUERRA ▪ ALLEN G. DEBUS
WILLIAM R. SHEA ▪ A. IRIA ▪ F. R. DIAS AGUDO ▪ M. JACINTO NUNES

HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA EM PORTUGAL

I VOLUME



PUBLICAÇÕES DO II CENTENÁRIO DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA
LISBOA • 1986

HISTÓRIA DA MEDICINA EM PORTUGAL
DESDE A IDADE MÉDIA AO PRINCÍPIO DO SÉCULO XX

JOSÉ ANDRESEN LEITÃO*

SUMMARY

The evolution of medicine can be studied in several ways: either by its distinguished personalities, or by the scientific level achieved in relation to its time, or by the training of its professional body and the level of its teaching institutions and its hospitals, or even by the standard of its Public Health Service.

Between the 16th and the end of the 19th Centuries, Portuguese medicine cannot be characterized by its outstanding doctors. Although some were well-known, their studies and their work usually took place abroad and the distinction achieved was European rather than Portuguese. The most outstanding examples are Garcia de Orta and Amatus Lusitano.

Medical teaching in Portugal left much to be desired, smothered as it was by preconceived ideas and attached to galenic principles. It was only in 1772, with the planning of Ribeiro Sanches and the foresight of the Marquis de Pombal, that medical teaching was updated under the general university reform. The advent of liberalism, the creation of the Schools of Surgery and the flourishing of scientific academies such as the famous Academia das Ciências and, in its field, the Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, finally placed Portugal on level with contemporary medical science.

It is, however, everyday medical care that gives Portuguese medicine its special character. Portuguese hospitals, together with the Misericórdias and the Confrarias (Assistencial Brotherhoods linked with the Church) grew, not only in Portugal,

* Professor de História da Medicina da Faculdade de Medicina de Lisboa, Presidente da Sociedade Portuguesa de História da Medicina.

but all over the world where the Portuguese had established themselves. Hundreds of hospitals, ranging in size from small infirmaries to large hospitals such as the one in Goa (India) which was the largest, of its time, or the one at Oita (Japan) which was also the first teaching hospital in Orient, were a remarkable achievement, honouring Portuguese medicine and making it a pioneer in the field of public health throughout the world.

APRESENTAÇÃO

A honra que me dão ao convidar-me para vir aqui falar à Academia das Ciências não vem sem que me preocupe, pelo peso da responsabilidade de expor as minhas ideias perante tão douto arcópio, que através dos anos tem marcada posição máxima da nossa cultura. Acrescenta-se que o tema extremamente vasto que me deram me obriga a uma selecção de imagens, mais do que a uma história encadeada que o tempo e a minha própria limitação não permite.

Acrescente-se que não sabia, quando redigi este trabalho, que factas que considerava dentro do tema geral da medicina, como o pensei, iam ser focadas por outros e tão brilhantes expositores.

Focaremos assim os aspectos que nos parecem referir a evolução da nossa História Médica, face à nossa História Geral e a sua posição relativa ao avanço da Medicina Europeia para uma medicina científica.

A INSERÇÃO NA HISTÓRIA GERAL

A divisão da história, por marcos, como os seculares, seja da história geral, seja de histórias peculiares como as da ciência, que nela se inserem, é um método cómodo, mas sem significado real, pois o progredir da vida não se compadece com degraus fictícios, como os da passagem de século. Mais aliciante é dividir a História por períodos, usando feitos marcantes que surgem, como uma alteração do comportamento humano. Mesmo esta posição, mais racional, não é totalmente correcta.

Assim o fim da Idade Média é marcado pela queda do Império Romano do Oriente em 1453, o que representa um factor local, por-

quanto já em outros pontos da Europa se encontravam movimentos reveladores de uma nova maneira de ser do Homem, que já «seria» da Idade Moderna.

É em Itália que surge um desses movimentos, com Dante e Giotto, como primeiros expoentes da actividade literária e espiritual que, encontrando as repúblicas da península italiana em pleno desenvolvimento económico, deram origem ao movimento a que se chama Renascimento. Surge como o reaparecimento de valores formais da antiguidade clássica e vem a encabeçar o movimento contra o espírito autocrático e teológico da Idade Média. E se o Renascimento italiano nasce em Itália, como diria o Senhor de La Palisse, a sua expansão pela Europa vai demorar dezenas de anos, conquistando pouco a pouco as cidades mais aptas intelectualmente e mais livres de preconceitos, para ingressarem no movimento.

A ânsia de renovação do comportamento humano face à nova extensão dos conhecimentos e mentalidade não era limitada aos povos da Itália. Em outros locais da Europa se buscava uma renovação.

O Renascimento amplia-se, o centro de cristalização constituído pelos filósofos e artistas tem nova amplitude pela observação de técnicas não conhecidas e o desabrochar de conceitos diversificados. Quando surge o dealbar do século XVI, a atitude a que se chama Renascimento Clássico, já não é um movimento puramente italiano, mas um esforço de conjunto, em que a influência de Portugal, é poderosa. Esta amálgama junta, a aspectos da literatura e da arte, como as crónicas de Fernão Lopes, o Leal Conselheiro e a estatuária e pinturas portuguesas — o Renascimento quatrocentista português, como lhe é chamado — o elemento de mais monta na nossa comparticipação é o conhecimento do mundo.

Assim em Portugal e no movimento encabeçado pelo Infante D. Henrique, alterou-se o movimento estático, local, por algo de novo, que era a Descoberta de Novos Mundos. Tendo nas suas finalidades além de factores económicos e de prestígio, a expansão da Fé, este movimento, longe de ter a cerceá-lo o espírito religioso, oposto por defesa à inovação, obtinha o seu apoio e permitia a Expansão, o dilatar da Fé e do Império. Mais que a Descoberta da América é este espírito universalista que dá um cunho novo à Idade Moderna.

A nova ciência da navegação, o conhecimento de novos mundos, de novas gentes e novos costumes, de outras plantas e outros animais

vieram trazer contributos poderosos para a modificação da maneira de ser dos homens.

A passagem de uma civilização limitada ao Mediterrâneo ou à Europa, que designamos por Idade Média — com desconhecimento de outras civilizações — para uma nova era em que a expansão se torna universal, marca o início da Idade Moderna. É a escola do Infante que a cria e os seus navegadores e discípulos não são mais do que o fruto daquela orientação que marca a transposição para a nova Idade.

É neste contexto que no dealbar do século XVI, surgem novas ideias e novas perspectivas no campo da medicina. Vesálio, Ambroise Paré e Paracelso, costumam ser apontados como as figuras que abriram novos horizontes na anatomia, cirurgia e clínica.

Qual a posição de Portugal, face ao Renascimento, e no âmbito da Medicina? É verdade que se trata de uma época em que o cientista abrangia na prática a totalidade do saber, e o nome de físico, serve bem para mostrar a posição cimeira do conhecimento dos médicos.

As descobertas obrigavam a levar nas armadas médicos que tratassem as tripulações. Raramente iriam clínicos de formação universitária, mas sim práticos com conhecimentos de medicina. Mais importante era a integração nas armadas de universitários de outros campos.

Eram geralmente os homens que acompanhavam os comandantes para lhes dar informações técnicas e que se designavam por matemáticos e astrólogos e que também eram designados por físicos, no sentido de homens que sabiam a ciência da época. Estes eram muitas vezes também médicos. Silva Carvalho diz que quase sempre padres e cita dez nomes de físicos destes, mas acrescenta que com Pedro Álvares Cabral, seguiam Mestre João (Johanes Emenelaus) bacharel em artes e medicina e cirurgia do Rei, que estava também incumbido de fazer estudos astrológicos. A dificuldade para as novas aglomerações humanas estava em que estes clínicos voltavam com as armadas e não ficavam. Só em 1548 é que se fixou no Brasil o físico oficial Jorge Valadares, que acompanhava Tomé de Sousa. A assistência médica era feita nas Misericórdias, por eclesiásticos, geralmente jesuítas, que tinham razoáveis noções de medicina, e ainda por escravos negros que utilizavam a medicina pré-racional dos seus povos africanos ou ainda pelo pagé, médico feiticeiro indígena do Brasil.

A obra dos jesuítas nesta assistência foi notável e figuras de relevo como Manuel da Nóbrega e José Anchieta, exerceram a prática clínica

em apoio à conversão espiritual, além de importantes escritos de nosografia exótica.

O contributo destes físicos para o desenvolvimento do conhecimento humano, pelo contacto com novas terras, novos povos, plantas e animais exóticos, transmitidas a Lisboa e daqui à Europa, é o factor mais importante que Portugal deu para a ciência e para a formação da nova mentalidade. É decisivo para a formação do espírito moderno.

De vária forma pode ser apresentada a História, e uma das mais correntes embora talvez não a mais explícita é a de referir os nomes dos seus personagens mais insignes, que por isso são exemplares.

Vejamos o que se passou a partir da nossa expansão com as figuras médicas, exemplares da nossa medicina.

MÉDICOS DE RENOME

Tavares de Sousa divide os médicos portugueses de renome em dois grupos: o primeiro constituído por aqueles médicos que pouca ou nenhuma relação tiveram com a Universidade Portuguesa, com preparação obtida quase sempre em Espanha, e na maioria judeus ou cristãos novos, e o segundo pelos médicos formados e ligados à nossa Universidade.

No primeiro grupo Amato Lusitano, Garcia d'Orta, Manuel Brudo, Luís de Lemos, Filipe Montalto, Rodrigo de Castro, Rodrigo da Fonseca, Estêvão Rodrigo de Castro, Francisco Sanches e outros, que tiveram projecção no Mundo culto da época.

Exemplifiquemos a importância que tiveram com os dois mais famosos, Garcia d'Orta e Amato Lusitano.

GARCIA D'ORTA

São múltiplos e distintíssimos os biógrafos de Garcia d'Orta, ou os que sobre ele se debruçaram e trouxeram achegas para o conhecimento da sua vida e personalidade.

Citemos alguns dos que maiores contribuições deram para o conhecimento desta personalidade tão importante:

Entre os portugueses ou de língua portuguesa, Diogo Barbosa Machado, Conde de Ficalho, António Tomás Pires, D. G. Delgado, Maximino de Lemos, Ricardo Jorge, Silva Carvalho, Luís de Pina, C. R. Boxer, Gilberto Freire, Jaime Walter, Sousa Alves, Silva Rego, Neves Tavares, Veríssimo Serrão, José Pedro Machado, Alberto Iria, Laranjo Coelho, Pereira Júnior, Pereira de Oliveira, Lopes Dias e tantos outros que se galvanizaram com as múltiplas facetas dos fascínio desta figura.

Nascido em Castelo de Vide no início do século XVI, de família de Cristãos Novos, provavelmente oriundos de Espanha, frequenta as Universidades de Alcalá e Salamanca, regressa em 1523 a Portugal, exercendo clínica na sua terra natal e em 1526 é aprovado médico em Lisboa pelo físico-mor Diogo Alves. Como físico, senhor de várias ciências, pretendeu ser professor nos Estudos Gerais de Lógica, sendo preterido, mas em 1530, regia a cadeira de Filosofia Natural na Universidade. A 12 de Março de 1534 embarcava para a Índia acompanhando Martim Afonso de Sousa, nomeado Capitão-Mor do Mar da Índia.

Não são claras as razões porque deixava Lisboa, mas talvez que vários elementos levassem a essa atitude: Amizade para com Martim Afonso de Sousa, que sempre o protegera; ambição de novos poderes e ânsia de novos conhecimentos; desilusão com a Universidade, que estagnava em marasmo; despeito por não ser nomeado lente de medicina; medo do futuro dos cristãos novos em vésperas de acções inquisitoriais que se previam.

Chegado à Índia, percorreu em naus e a pé larga parte das zonas de influência portuguesa, entrando em pelejas e exercendo sempre as várias funções de físico que lhe competiam.

É em Goa que, possuidor de uma biblioteca especializada, importante para a época, escreve o seu livro único, que o tornaria famoso: *Colóquios dos simples, e drogas he cousas medicinais da Índia*, de seu nome todo acrescentado de, «e assi dalgũas frutas achadas nella onde se tratam algũas cousas tocantes a medicina, pratica, e outras cousas boas, para saber cõpostas pello Doutor Garcia dorta: físico del Rey nosso senhor, vistos pello muyto Reverendo senhor, ho licenciado Alexos diaz: falcam desembargador da casa da supricaçã inquisidor destas partes».

Publicado aos 10 de Abril de 1563, na tipografia de Joannes de Endem e constituindo a primeira obra de uma tipografia da Índia, e de que se conhecem hoje 24 exemplares espalhados pelo Mundo, dos quais 12 em Portugal.

Só em 1872 e na Imprensa Nacional de Lisboa, edição preparada e prefaciada por Francisco Adolfo Vernhagen* e em 1891 a 1895 os dois volumes da edição da Academia das Ciências de Lisboa, sob a direcção do Conde de Ficalho.

Teria este livro obtido pouca projecção, pela sua pequena edição e pela língua portuguesa mal conhecida da Europa culta, se não fora cair um exemplar nas mãos de Charles l'Écluse, conhecido pelo nome latino de Clusius e entre nós de Clusio. Este exemplar assinado e anotado encontra-se na Universidade de Cambridge, onde o professor Boxer o foi estudar.

Clusio, em 1567, publica uma edição resumida, em latim, da obra, com o título de *Aromatum et Simplicium Aliquot Medicamentorum Apud Indos Nascentium Historia: Ante bievniium quidem Lusitanica lingua per Dialogor, conscrita, D. Garcia, A. B. Horto, Proregis Indie Medico, autore: Nunc vero Latina facta, e in Epitomen contracta à Carolo Clusio Atrebate*. Foi impressa na célebre tipografia de Cristóvão Plantino, de Antuérpia.

Ao contrário do que se passa em Portugal onde a importância do livro não encontra capacidade de resposta, a edição de Clusio tem larga repercussão, com traduções múltiplas em línguas europeias.

O que trazia esta obra ao Renascimento? uma descrição vivida e objectiva de numerosos produtos, fármacos potenciais em grande parte não conhecidos até então na matéria médica. Como os navegadores alargaram o Mundo, Garcia d'Orta alargava os conhecimentos médicos e isso entrava no espírito dos novos inovadores da medicina.

No original, o livro é executado na forma de diálogo entre Orta e Ruano, mas na versão de Clusio para latim esse diálogo desaparece, pois, não é o que poderia interessar de momento. A nós serve-nos para aquilatar da relutância e até do medo de Orta em ultrapassar os conceitos antigos e desdizer de verdades aceites. A posição moral de dizer

* Esta com o título «*Colloquios dos Simples e drogas e cousas medicinais da Índia e assi de algumas frutas achadas nella (várias cultivadas hoje no Brasil) compostas pelo Doutor Garcia de Orta. Physico d'El Rei D. João 3.º*».

só a verdade, que se repete nas suas falas e que representa um duplo aspecto ético, e científico e que é comum em outros portugueses que se tornaram também ilustres na medicina e que encontraremos pela história fora, contribuindo para o prestígio dos físicos lusitanos.

Morreu na Índia e não querendo voltar a Lisboa, em 1568. Tinha razão em não voltar. Os tempos, como se previra iam maus para os Cristãos Novos. A força da inquisição, só depois da morte o atacou no seu estatuto de cristão novo. Foi a sua obra e o seu corpo, já morto, que foram obra da fogueira, o que nada impediu a projecção do seu nome.

AMATUS LUSITANUS

Nascido em Castelo Branco em 1511, João Rodrigues, juntou ao seu nome o da cidade em que nascera, como era de bom uso e mais tarde autodesignou-se de Amatus Lusitanus. Aos 14 anos inicia a vida universitária em Salamanca, a exemplo de vários familiares seus, escolhendo o curso de medicina. Razões múltiplas o devem ter orientado para Salamanca — não ser mais longe que Lisboa para um residente em Castelo Branco, ter uma mesma orientação dos parentes que aí se encontravam, maior prestígio da Universidade onde cursavam entre 6.000 e 10.000 estudantes divididos por nações. Não parece que o seu semitismo fosse razão determinante pois nesse ano ainda não existiam as perseguições aos cristãos novos que surgiram poucos anos depois. Estudante valoroso contactou em tertúlias com figuras gradas da inteligência da época. Licenciado em 1529, volta a Portugal onde durante 5 anos exerce a medicina, com uma capacidade bem provada em várias intervenções, descritas mais tarde nas suas *Centúrias*.

Em 1534 parte para a Flandres. O desejo de um meio intelectual mais desenvolvido, o ambiente favorável de uma colónia judaica florescente, o medo das perseguições aos judeus e aos cristãos novos que se iniciavam em Portugal, são factores bastantes para compreender a atitude de João Rodrigues.

De Flandres passou ao outro pólo cultural do tempo, a Itália, em semelhança com tantos outros letrados, e onde chega, a Ferrara, em 1541. Ao sabor das lutas e guerras locais — por vezes das invejas e intrigas de colegas menos afortunados — condicionado pela sua ancestralidade numa época de antisemitismo e da ânsia de novos conheci-

mentos, percorreu várias terras do Norte de Itália, depois Raguse (hoje Dubrovnik) e foi finalizar a sua vida a Salónica, onde, com a protecção de um sultão de Constantinopla, estabelece farta clínica que findaria com a sua morte precoce em contágio epidémico, no ano de 1568 — provavelmente a 21 de Janeiro e de peste.

Foi talvez o mais notável clínico da época pelo seu saber e pela sua integridade deontológica de que ficaram muitos testemunhos. Como todos os grandes clínicos, os seus conhecimentos eram alicerçados em preparação científica que o levou a publicar vários livros de grande importância. Inicialmente naturalista, publica o *Index Dioscoridis*, ainda em Antuérpia, em 1536 e só em 1553 o *Ennarrationes*, em Veneza, este já com o nome de Amatus Lusitanus, que o celebraria.

São as *Centúrias*, verdadeiro tratado de patologia clínica em que descreve toda a sua experiência em casos clínicos a que chama *Curas* e que se apresentam em livros de cem ou *Centúrias*, começadas a escrever em Ferrara possivelmente em 1546, mas com obra impressa em Florença em 1552 e de que a VII e última foi estudada em Tessalónica em 1561.

As *Centúrias* são o que podemos denominar, para a época, um tratado de patologia clínica. Descreve casos clínicos, a sua terapêutica e seguidamente faz comentários críticos aos conhecimentos da época, comparando-os com os clássicos, e muitas vezes discordando deles. Mostra que quando podia, recorria às autópsias e é notável que faça afirmações inovadoras, como a sempre citada na *Cura 52 da I Centúria*. Aí se descreve inequivocamente a existência de válvulas de veia azigos, a que chamou ostíolos. Muitos anos depois Fabricio de Acquapendente — «de Venarum ostioli», Pádua, 1603 — faria a mesma descrição, mas com uma repercussão que anos antes não fora possível, falta de maturidade para compreender tão importante verificação. Acquapendente ficou com a fama desta descoberta, tão importante para que a circulação sanguínea viesse a ser descrita.

A faceta que realça a obra de Amato não é devida ao seu conhecimento científico, importante sim, mas não justificável, por si, da influência que durante mais de um século manteve em grande parte da Europa. O que sobressai da sua obra é a sua capacidade de clínico, bem marcada nas considerações sobre Medicina, no início da *1.ª Centúria* — tão bem apresentada na versão portuguesa de Firmino Crespo e José Lopes Dias. «Na medicina, em geral, há três aspectos em que e por que se realiza a cura, a saber: o médico, o doente e a própria doença».

Neste estudo analisa os aspectos psicológicos da relação médico doente e da obrigatoriedade deste obedecer aquele, sem o que não há facilidade de curar a doença, visto que quando se entendem são dois contra um, que é a doença, mas em caso contrário, o doente e a doença ao juntarem-se constituem uma aliança que «não só vence o médico como também submete e aniquila a natureza e o próprio doente».

A fama de Amato, como a de Orta, tem grande relevância para Portugal, mas não é fruto da nossa escola, nem da nossa cultura.

Os que ficaram em Portugal, os que aqui se formaram, tiveram algumas vezes efémera notoriedade, que não saiu dos nossos acanhados meios intelectuais da época. No conjunto da História, dificilmente se devem considerar como exemplares.

AS INSTITUIÇÕES

Outra forma de estudar a História da Medicina é a de conhecer as suas instituições e os seus cultores, bem como a medicina que realizavam.

Lisboa é no dealbar do século XVI, uma urbe agitada e cosmopolita. Centro de empório comercial, a ambição de todos é a de criar fama e fazer fortuna. As expedições aos novos mundos sucedem-se e a atracção é irresistível.

Partem muitos homens, sangria enorme num país de um milhão e duzentos mil habitantes, e as terras ficam entregues a velhos e mulheres, insuficientes para as amañhar. Problema cíclico da nossa história que se repete com a colonização do Brasil e depois com a emigração Europeia da 2.^a metade do século XX.

Lisboa vive entre a opulência e a pobreza, entre o misticismo e a libertinagem, numa invasão de estrangeiros que ocupavam lugares dos que se ausentavam: A cidade de «muitas e desvairadas gentes», na clara expressão de Camões.

A Universidade Portuguesa encontrava-se nesta enorme urbe e não se pode dizer que o seu prestígio fosse grande. Assim o entendeu D. Manuel que em 1503 lhes outorgou novos estatutos destinados a discipliná-la e a dar-lhe novos horizontes. O Curso de Medicina era pesado em tempo. Depois de três anos de preparatórias com gramática, lógica e provavelmente com filosofia natural — que Garcia da Orta

regeu — tinha cinco anos repetitivos e certamente enfadonhos, com apenas duas cadeiras, a de prima e a de véspera.

Com o título de bacharel, o candidato a médico ainda tinha que estagiar dois anos com um colega antigo e depois submeter-se a provas em face do Físico-Mor do Reino, a quem competia dar a autorização para o exercício da medicina.

Esta exigência vinha desde o tempo de D. Afonso V e chegou até meados do século XVI, talvez até aos Estatutos de 1559, onde já não aparece.

Por outro lado qualquer indivíduo, mesmo iletrado que declarasse a sua capacidade de tratar doentes e o testemunhasse, podia requerer o seu direito de exame ao Físico-Mor, parecendo que o fundamental era pagar àquele as propinas, bem pesadas para a época. Estes médicos, a que se chamava idiotas ou ichacorvos, pululavam, enquanto eram raros, como seria de prever os que se formavam na Universidade. Cerca de 2.000 médicos iletrados em todo o território, segundo Henrique Jorge Henriques, para escassas dezenas de diplomados.

É em 1537, que D. João III, transfere a Universidade para Coimbra, por razões várias e que se tem mantidos polémicas — para afastar os estudiosos da vida desregrada da capital, ou para os castigar de pouca obediência e pouco respeito à autoridade real.

Que a Universidade que já se encontrava em situação precária não melhorou, é facto que imparcialmente se pode aceitar, embora haja panegíricos do gesto de trasladação, assim como grandes detractores em que vigora a visão verruminosa de Aquilino Ribeiro. E se toda a Universidade teve os reflexos da mudança, para um pequeno centro, é a Faculdade de Medicina que mais sofre, pois que se viu mais isolada, sem a massa de doentes que podia ter na grande orbe e sem o agitar de ideias do grande movimento.

De uma forma ou outra, o Rei tentou minimizar as consequências do desterro da Universidade e assim contratou professores estrangeiros, aumentou os honorários dos professores de Lisboa, para o convencer a conservar-se na Universidade. A Pedro Nunes deu mesmo o que Aquilino chamou de ordenado de Grão Duque.

Buscados em Salamanca ou escolhidos entre os mais categorizados portugueses, lá foram para Coimbra, numa posição mal definida pois os novos estatutos levaram 7 anos a ser realizados, alguns mestres de vulto que foram surgindo. Contudo a Medicina continuava um parente pobre, face à Teologia, aos Cânones, às Leis; o que explica que em 1540

só 10 alunos cursassem medicina entre os 642 universitários (Teófilo Braga). Pedro Nunes, médico, era expoente singular, mas nas matemáticas. Henrique de Cuellar, Afonso Rodrigues de Guevara, Luís Nunes, Francisco Franco e Rodrigo Reinoso (que sucedeu a Cuellar quando da sua morte em 1544) ensinavam a medicina. Mas que medicina? Galeno e Avicena continuavam a ser os mestres incontestados (a que timidamente se juntaram os Aforismas de Hipócrates) e o estudo repetitivo e puramente teórico tornava-se confinado, abafado.

A chamada de estudantes que cursavam Salamanca pouco efeito produzia. Só num brevíssimo período diminuiu a sua frequência, para logo se restabelecer a corrente migratória, como se deduz do belo estudo de Veríssimo Serrão.

As novas correntes do pensamento médico não chegavam até nós e isto pelos tempos fora até ao fim do século XVIII.

Em 1546 D. João III autorizava o ensino da anatomia em cadáveres, o que era confiado a Reinoso. O livro anatómico utilizado, já obsoleto para o tempo era o *De usu partium* de Galeno.

Pouco valeu a autorização régia pois o ensino anatómico era baseado em animais, sobretudo carneiros, e como diz Feliciano Guimarães:

«Estas anatomias eram nos ... estatutos, mas teriam estado no teatro anatómico?»

Diz Verney:

«Na Universidade, ainda que haja uma cadeira de anatomia, não eram exercício, pois só duas vezes no ano fazem tal anatomia em um carneiro, cujas partes se mostram na escola. Querer saber a anatomia do homem pela do carneiro é ideia nova ... essa anatomia é «Oculus dexter medicinæ».

Com a morte de D. João III, o que parecia um começo promissor, caía ainda e ao ponto das Cortes de 1562-63 proporem nas suas determinações «que os estudos de Coimbra se desfaçam por serem prejudiciais ao Reino e a renda se aplique para a guerra e quem quiser vá a Salamanca ou a Paris e não haverá tanto letrado sobejo nem tantos mandos», decisão não votada e que não entrou em execução.

Mas se não houver extinção, a Universidade manteve-se em vida amedorrada, dominada pela escolástica, que tornava a medicina na sua principal vítima.

E assim continuou, Augusto da Silva Carvalho, numa corajosa exposição a esta douta Academia, mostrou a limitada importância da nossa medicina no século XVII.

O sentido monástico dado à Universidade era reforçado pelo predomínio dos jesuítas, de julgamento impiedoso dos homens, deles e dos outros, face a Deus, de disciplina rígida, afastando tudo o que poderia desviar da sua visão directa do macrocosmos, suspeitando da inquinação das ideias e com isto impedindo a aceitação de uma ciência nova, o que podia vir de homens ou de livros não preparados, que tinham que ser banidos.

Esta atitude levada aos extremos, abrangia sobretudo os judeus e cristãos novos, e levava à expulsão e mesmo ao extermínio pela purificação do acto de fé, pelo fogo.

Diria anos depois Ribeiro Sanches a Van Swieten (1746) «... depois que os bons padres jesuítas começaram a abrir as suas escolas e a Inquisição a fazer o seu ofício, tornámo-nos os hotentotes da Europa, e é pena, se maior o prejuízo para a ciência, ou para o bem da minha Pátria louca».

Se o ensino da medicina era mau, o ensino da cirurgia não lhe ficava atrás. Disciplina subalterna, onde a dialéctica tinha pouca monta, apenas de forma teórica viria a ser ensinada na Universidade. O livro de texto continuava a ser a *Cirurgia Magna*, de Gui de Chauliac, obra do século XIV, valiosa para a época da publicação, ultrapassada já no renascimento, mas lida até ao dealbar do século XIX. Também não poderia ser muito importante o seu impacto, dado que a enorme maioria dos cirurgiões, oriundos de grupos de barbeiros e de sangradores possuíam escassas possibilidades de leitura. Só a 26 de Julho de 1559, por alvará, foi determinado que não pudessem exercer cirurgia, além dos diplomados pela Universidade, senão os indivíduos habilitados com o estudo de 2 anos seguidos no Hospital de Todos os Santos. O grande hospital que D. João II criara ao unir os trinta e oito pequenos hospitais que existiam em Lisboa, vinha a ter uma nova finalidade e raiz da escola de cirurgia que pouco a pouco e através dos séculos se estabeleceu. Mestre Pedro, cirurgião da Corte, foi talvez, o primeiro que teve por obrigação ensinar diariamente a dois ajudantes o exercício da cirurgia.

Passo importante, foi a criação em 1546 de Cadeira de Cirurgia na Universidade que foi ocupada pelo granadino Afonso Rodrigues de Guevara. Dez anos depois era criada no Hospital de Todos os Santos uma aula de cirurgia e de anatomia, encarregada também de dissecar cadáveres do hospital, para desfazer dúvidas de doenças. Em 1561, Guevara obtinha a sua transferência para Lisboa, por razões em que

deviam avultar o quase nulo movimento anatómico em Coimbra e as grandes possibilidades do hospital de Lisboa. Com altos e baixos e a publicação de alguns livros, como a *recopilação da Cirurgia*, de António da Cruz em 1688, e alguns lentes estrangeiros à mistura (Santucci, Dufau) o ensino chegou à segunda metade do século XVII. Manuel Constâncio, um discípulo de Pierre Dufau, quem 1750 ocupara a cadeira de anatomia do Hospital de Todos os Santos, viria a ter uma influência importante na evolução da cirurgia pois que ensinou anatomia e cirurgia com aplicação durante 40 anos. Entre os seus discípulos contam-se José Correia Picanço, nascido no Brasil e que, depois de professor em Coimbra, voltaria ao torrão natal onde muito influenciou a medicina da sua terra e onde seria agraciado com o título de Barão de Goiana.

Os conhecimentos então claros de novos conceitos de anatomia, com W. Harvey e da Cirurgia com Hunter, levaram a propor a ida de bolseiros para aprendizagem em Inglaterra e assim se deslocou em 1791 um grupo de 7 estudantes em que sabressaía Francisco Solano Constâncio, filho do estimulador do processo.

Só por esta época é que os cirurgiões portugueses estavam aptos a executar amputações e em fazer laqueações de vasos, pois que anteriormente pouco adiantavam ao serviço quase intuitivo dos barbeiros e sangradores.

O atraso na nossa cultura médica até ao final do século XVIII é bem explícito por tudo o referido, mas o problema que se põe é o de saber se esse facto trouxe prejuízo para a Saúde Pública no nosso País.

Na realidade isso não aconteceu. Se a evolução da medicina para uma ciência médica é lenta e também não é uniforme nos seus ramos, não é antes dos princípios do século XIX que ela se estabelece, com começo nas ciências fisiológicas, sob o impulso de Magendie e depois de Claude Bernard, e quase simultaneamente de outros ramos como a clínica, mas sem que a terapêutica surja, como uma ciência, antes do dealbar do século XX.

Não havendo ao longo destes séculos uma terapêutica razoável para grande parte das doenças, o atraso de Portugal face a outros países da Europa não prejudicou a sua saúde e como pensamos, em certos aspectos antes a favoreceu.

A criação das Misericórdias começada pela Rainha D. Leonor com a constituição da confraria de Nossa Senhora da Misericórdia, em Lisboa em 1498, teve uma expansão notável, diríamos quase miraculosa.

Obras dedicadas ao socorro dos pobres e ao alívio e tratamento dos doentes espalharam-se pelo país e pelos terrenos que íamos conquistando.

Nas Irmandades cabiam todos os homens de bem, bons católicos, desde o Rei ao artesão, sendo um desenvolvimento das confrarias da Idade Média. As Misericórdias chamaram a si a assistência aos pobres e na doença. A elas se agregaram frades e padres seculares, com, logo de início, os frades medicantes e depois todas as outras ordens.

As Misericórdias passaram a administrar grande parte dos pequenos hospitais, mercearias e gafarias já existentes ou que foram sendo criados.

Não significa que algumas das obras hospitalares se desenvolvessem independentemente. D. Manuel com um sentido de centralização e de valorização, fundiu parte dos hospitais de Lisboa, no Hospital de Todos os Santos, em 1501, pedra angular da preparação de cirurgiões e posteriormente de médicos, a mais importante fonte de assistência médica, em muitos séculos.

Em toda esta obra, sobretudo na parte respeitante ao Ultramar, os portugueses doentes são tratados, assim como os nativos, com cuidados e desvelos e com a terapêutica que na época era reconhecida.

As ordens religiosas distinguiram-se neste combate e entre todas, a Companhia de Jesus teve uma acção especialmente marcada.

Podemos chamar a este aspecto a outra face dos Jesuítas. Crentes sinceros nos seus princípios, defendendo-os de ideias novas, intolerantes e cruéis com os outros e consigo próprios, opostos à ciência nova, dedicavam-se com total devoção ao bem dos povos, colaborando com a assistência na doença e ingressando com o seu trabalho nos Hospitais e Misericórdias. Tratavam da alma e tratavam do corpo, o homem para eles era um todo.

A história desta empresa só parcialmente está feita, mas podem multiplicar-se os exemplos, desde o Hospital Real de Goa que chegou a ser o maior Hospital do Mundo na sua época, as múltiplas obras assistenciais do Brasil e de África, ou à Escola de Medicina de Oita, no Japão, com o seu Hospital multidisciplinar, que Luís de Almeida, médico e jesuíta criou. A rede assistencial espalhou-se com o dilatar da Fé e do Império.

Pese o que pesar e ontem como hoje, embora a mais alta tecnologia existente, a principal terapêutica dos doentes é a Fé, Esperança e Caridade, como ainda há bem pouco o reconhecia White, o grande orientador da investigação no Instituto Rockefeller.

E neste campo da medicina fomos pioneiros e por esta razão podemos afirmar que na Saúde dos Povos que comandávamos, as limitações de conhecimentos e o atraso do ensino nada prejudicou.

A REFORMA ESPERADA

A reforma da Universidade, há muito necessária e esperada, só em meados do século XVIII se tornou imperativa.

Maximiano de Lemos ao dar a um seu trabalho o título de *Verney, Ribeiro Sanches e Pombal*, definiu o sentido da renovação da Universidade em Portugal, na pessoa dos seus principais responsáveis.

Foi Verney (Luís António), jesuíta pela sua formação, que mais se salientou na crítica ao ensino, ao publicar em 1746 *O verdadeiro método de estudar*, a que seguidamente juntou artigos e panfletos em defesa dos ataques que os mestres lhe desferiam.

Com o apoio de D. João V foi preparando a mentalidade para uma reforma, em especial da Faculdade de Medicina que já se pretendia ser médico-cirúrgica (v. Newton de Macedo). Era imperioso substituir o conceito galénico da medicina, visto que, como Verney refere, os «galénicos» têm ódio à anatomia, pelos princípios que beberam na filosofia peripatética, filosofia que arremeda a natureza.

D. João V, no seu sentido de magnificência iria mudar a Universidade na sua fachada, mas os intuitos de modificação funcional só surgia com o Marquês de Pombal.

Falha de técnicos num conceito moderno do ensino médico, era preciso buscar no estrangeiro aquilo que não tínhamos e foi então que se viu que havia vantagem de recorrer a um português, de prestígio na profissão e conhecedor dos nossos problemas. Mais uma vez havia a nível europeu uma figura de vulto, de nacionalidade portuguesa, mas com a sua carreira desenvolvida fora do país.

Ribeiro Sanches deverá ingressar na galeria dos grandes portugueses de origem judaica que tiveram grande projecção no estrangeiro, antes de serem conhecidos no país.

António Nunes Ribeiro Sanches, nascido em 1699, em Penamacor, iniciou a sua vida académica em Coimbra, mas acabou por se doutorar em Salamanca.

Da carta que escreveu a 13 de Julho de 1735 ao Dr. Manuel Pacheco de Sampayo Valadares, ressalta que é a sua situação de cristão-novo que lhe cria não só problemas sociais como um profundo conflito de personalidade. É a intolerância religiosa em Portugal — embora cada vez mais atenuada na segunda metade do século XVIII — que o leva a emigrar. Das suas peregrinações resultou marcante o encontro com Boerhaave em Leyden, e de quem se tornaria fiel discípulo.

A escola de Boerhaave era precursora numa nova era na clínica médica. Fusão de conhecimentos iatrofísicos e iatroquímicos, acrescentada de uma doutrinação vitalista, num sentido eclético de influência hipocrática da medicina, executada à cabeceira do doente e compreendendo a utilização dos conhecimentos técnicos da época.

É o modernismo, para a época, das ideias de Boerhaave, que leva a sua escola a expandir-se por toda a Europa. A pedido de Ana Ivanovna iriam três colaboradores do mestre para a Rússia. Desses se destacou e ganhou fama Ribeiro Sanches. Retornado da Rússia em 1747, viria a fixar-se em Paris onde morria em 1782, deixando vários livros e manuscritos e uma importante biblioteca de 1.113 obras, que foram leiloadas a favor do seu irmão*.

Interessa-se aqui referir as duas obras, que publicou em Paris, *Cartas sobre a Educação da Mocidade*, em 1760 e *Método para aprender e estudar a Medicina*, ilustrado com os «Apontamentos para estabelecer uma Universidade Real na qual devam aprender-se as Ciências humanas de que necessita o Estado Civil e Politico», em 1763 e de que as edições de 50 exemplares se destinaram a Portugal em textos em português que por isso não serviam para outros países europeus, provavelmente a razão de ser de tão pequenas edições. São fundamentais para a importante reforma da Universidade Portuguesa que o Marquês de Pombal executaria e que lhe deu uma nova feição, muito mais actualizada e ao nível da ciência coetânea.

Na Reforma, a Ribeiro Sanches, não há nem uma citação.

Com a reforma melhorou o ensino universitário, mas alguns problemas de fundo persistiam, como haver uma só cadeira para a anatomia,

* Esta Biblioteca devia ser formada pelos volumes que obtivera depois da sua chegada a Paris em 1747, porquanto a Biblioteca que possuía em S. Petersburgo foi vendida ao Estado Russo e englobada na Biblioteca Imperial — ver «Ribeiro Sanches na História da Medicina da Rússia de Richter, por J. Andresen Leitão.

cirurgia e obstetrícia, e a nomeação de alguns mestres estrangeiros, que na generalidade eram de pouca qualidade. Pouco a pouco os erros foram-se eliminando e a Universidade aproximou-se do esquema do ensino das suas congéneres de mais renome.

Entre os aspectos mais positivos encontra-se a criação de novas condições de trabalho com os estabelecimentos de âmbito moderno: O Teatro Anatómico, o Museu de História Natural, o Laboratório Químico, o Gabinete de Física e o Jardim Botânico. A par, as novas instalações da Faculdade de Matemática, e o Dispensário Farmacêutico. Talvez que ainda mais importante fosse a compreensão de um ensino à cabeceira do doente, como propugnava Boerhaave. Para isso era necessário um Hospital próprio, visto que o Hospital de Nossa Senhora da Conceição com as suas 17 camas, não servia. E diz-se: «E porque o hospital da cidade, além de estar situado em lugar baixo e húmido, é regido e governado por uma administração independente da Faculdade e que não entra nas vistas do ensino público ... faz-se necessário que a Universidade tenha um Hospital próprio ...».

Os erros sempre cometidos no nosso país e que alguns, como o Marquês de Pombal, compreenderam, voltam a existir, com os mesmos prejuízos para a formação dos clínicos.

OS SISTEMAS

Lichtenthaeler, o ensaísta famoso da História da Medicina, define entre 1500 e 1800, sete correntes médicas, o que pela sua complexidade parece um preciosismo dialéctico. Ele mesmo refere a dificuldade, ao apresentar Thomas Willis como anatomista, galenista, iatroquímico, iatrofísico, místico, empírico, sensualista e mais ainda. A riqueza das descobertas e as novas possibilidades da medicina pré-científica permitem, por intermutação dos conhecimentos e das atitudes, múltiplas posições, a que dificilmente se podem chamar correntes. A influência galénica ainda se mantém possante pelo século XVII e em Portugal invadia o século XVIII. Os mais aguerridos defensores de uma ciência nova não se atrevem a contrariá-la frontalmente. Na periferia do renascimento médico europeu as novas atitudes, ou não eram conhecidas ou não podiam ser compreendidas. Mais simplesmente, podemos dividir as correntes que vinham até nós num galenismo clássico ou escolástico e num galenismo humanista, este já muito mais evoluído.

O galenismo clássico da nossa Universidade desaparecia com a nova reforma, mas ficariam ainda novos os sistemas agora já dependentes do galenismo humanista, que eram defendidos sem o ecletismo que se impõe a uma instituição progressiva. A Universidade adoptava as doutrinas de Brown e de Broussais, não aceitando alternativas.

Outros sistemas médicos se seguiram e em Portugal, como um pouco por toda a Europa, surgia a homeopatia, em oposição às correntes oficiais a que se chamou de alopatas, oriunda da acção nihilista de Hahnemann e em reacção aos excessos das terapêuticas eliminadoras dos humores deteriorados — a sangria, a purga e o vomitório.

Chegada a Portugal em 1832, a hemeopatia, tem o seu apogeu com o patrocínio do Duque de Saldanha no meado do século. Largamente debatido o sistema na Sociedade de Ciências Médicas, recebeu golpe rude do Rei D. Pedro V, que se lhe opôs, por razões filosóficas, mas sobretudo de direito, pois que a Universidade e as Escolas Médico-Cirúrgicas o rejeitavam, e o Rei era o defensor da Lei e esta era estabelecida pelas instituições oficiais.

AS ACADEMIAS E SOCIEDADES

A exemplo do que se passava por toda a Europa, surgiram em Portugal várias Academias e Sociedades Científicas, com finalidade de quatro tipos:

I — Agregação dos médicos para defesa dos seus interesses profissionais. Neste sentido eram a continuação das confrarias de S. Cosme e S. Damião e que se constituíam a exemplo do que sucedia em outras profissões com a formação de corporações. Estas surgiram, segundo Silva Carvalho, no início do século XVIII, e reuniam médicos, cirurgiões e boticários.

II — Como escolas particulares de cirurgia ou de medicina, de que a primeira de vida efémera, foi a projectada por Monravá.

III — De oposição a posições sistemáticas que a Faculdade tomava e dentro de várias linhas dos sistemas médicos, então em voga nos países de liderança. É típica a Real Cirurgia Protótipo Lusitânica Portuguesa, que Manuel Gomes de Lima fundou, em 1748, no Porto e em que pelos estatutos se propunha discutir «os métodos mais adequados

ao tratamento das doenças cirúrgicas, executando as operações mais próprias para esse fim, sem aderir a sistema particular mais que ao da razão, tudo para aumento da cirurgia e bem do reino».

IV — Fins filantrópicos, propondo-se tratar os pobres gratuitamente, o que estava nos fins dessa mesma Academia e veio a ser extensivo a aspectos de Saúde Pública e sobretudo profilácticos, nomeadamente a vacinação antivariólica.

É clara a posição cimeira da Academia das Ciências de Lisboa, fundada em 1779, e de que seria desplante para mim vir aqui fazer a História. De índole mais vasta que a da medicina é nesta Academia que se tem debatido desde a sua fundação, grande parte dos mais importantes temas médicos.

Limitada ao âmbito da medicina, destaca-se o aparecimento da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa. A sua fundação é ligada à revolução francesa e ao advento do liberalismo. A sua importância para a nossa Medicina é sempre de realçar pois que desde a sua criação, esteve na vanguarda do pensamento médico português, contribuindo também poderosamente para aspectos de educação e de sanidade, como o auxílio à alfabetização, à vacinação e ainda à colaboração com o Estado em numerosos pareceres de Saúde Pública.

Apesar da sua designação parecer limitativa a Lisboa, o seu âmbito estendeu-se a todo o país e outras Sociedades que se lhe seguiram, na generalidade limitadas a especialidades médicas, ou se acolheram no seu seio, ou dela são, quase sempre oriundas.

AS ESCOLAS MÉDICO-CIRÚRGICAS

A 22 de Junho de 1825 foram criadas as Régias Escolas de Cirurgia. A Escola de Lisboa não vinha mais que oficializar e avolumar o ensino da cirurgia que desde longos anos se realizava no hospital. Desta tradição lhe veio um carácter prático superior ao da Universidade e com a vantagem de ter um movimento hospitalar incomparavelmente maior que o de Coimbra.

Igual carácter foi dado à Escola do Porto, embora esta de entrada tivesse menos disciplinas que a de Lisboa, cinco em vez de sete. Os diplomados das escolas estavam em inferioridade face aos diplomados por

Coimbra. Só em 1836 é que as Escolas, foram acrescidas de novas disciplinas e passaram a denominar-se de Escolas Médico-Cirúrgicas. Pelo mesmo tempo alteravam-se os estatutos da Universidade de Coimbra, que apesar das reformas continuava apegada ao ensino livresco, opondo-se largo tempo à igualização dos diplomas, das Escolas Médico-Cirúrgicas o que viria a ser obtido a 20 de Junho de 1866.

A UNIVERSALIZAÇÃO DO SABER

A História da Medicina em Portugal acertava o passo pelos mais afamados centros de Medicina Mundiais.

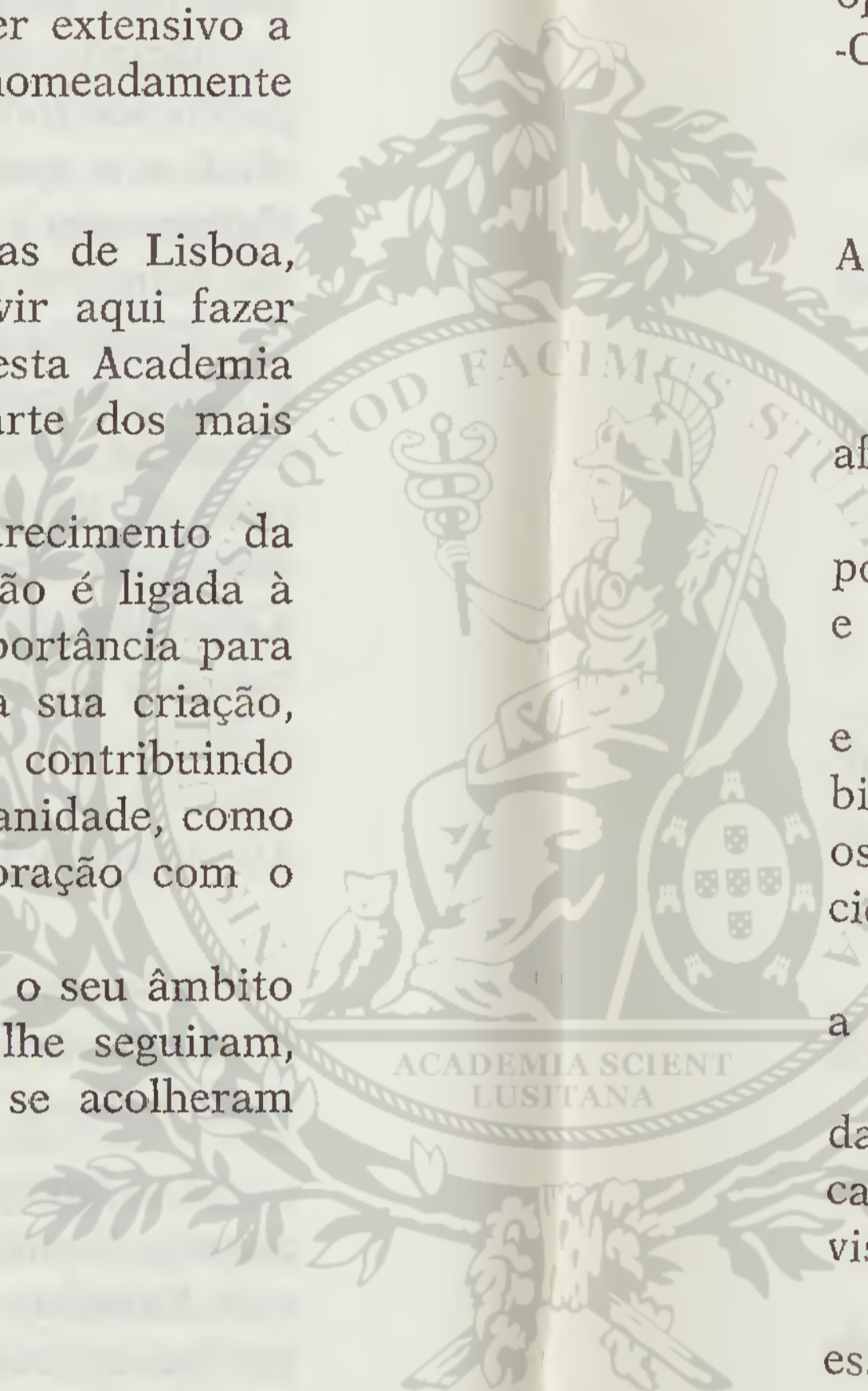
A ciência médica tinha surgido, pouco a pouco e baseada em ciências positivas já firmadas. Só há ciência quando os dados da observação e a experiência se podem quantificar.

O primeiro aspecto da ciência médica veio da fisiologia com Magendie e depois Claude Bernard. Outros ramos da medicina como a microbiologia e a anatomia patológica passaram a ciência. Só mais tarde os aspectos da clínica e depois da terapêutica ascenderam ao escalão científico.

A cientificação daquilo que era apenas uma arte, ou arte que continua a ser na sua aplicação, correspondeu à universalização da medicina.

Para isso contribuiu poderosamente a facilidade do transporte e da comunicação, com o desenvolver de forma exponencial das publicações científicas. O intercâmbio de pessoas e ideias aproxima-as na visão do progresso.

Sem dúvida que a medicina portuguesa tinha conseguido alcançar essa universalização.



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

BIBLIOGRAFIA

Não exaustiva, mas orientadora.
Os trabalhos citados têm a bibliografia complementar.

- ANDRESEN LEITÃO, J., «Ribeiro Sanches na *História da Medicina da Rússia* de Richter», *Clin. Contemp.* 1:48, 1946.
- , «Síntese histórica da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa», *Jornal Soc. Ciências Médicas Lisboa*, Sup. vol. 123, 1959.
- , «D. Pedro V e a Homeopatia», *Jornal Soc. Ciências Médicas Lisboa*, T. CXXVI, n.º 5, 235, 1962.
- AQUILINO RIBEIRO, *Príncipes de Portugal*, Lisboa, 1954.
- BRAGA, Teófilo, *História da Universidade de Coimbra*, Lisboa, 1892.
- CAMBOURNAC, F. S. C., «Acção dos Portugueses no Campo da Medicina Tropical», *O Médico*, 1982; 102, 536.
- CARVALHO, Joaquim, in *História de Portugal*. Edição Monumental, vol. IV, Portucalense Editora, 1932.
- CIDADE Hernâni, in *História de Portugal*. Edição Monumental, vol. VI, Portucalense Editora, 1932.
- FERREIRA DE MIRA, *História da Medicina Portuguesa*, Imprensa Nacional de Publicidade, Lisboa, 1947.
- FIRMINO CRESPO e J. LOPES DIAS, *Primeira Centúria de Curas Médicas*, João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano), Lisboa, 1946.
- GOMES, Ordival Cassiano, *História da Medicina no Brasil no século XVI*, Biblioteca Brasileira H. M., 1974.
- GUIMARAES, F. e ROCHA BRITO, «A Faculdade de Medicina de Coimbra», *Actas Ciba* 19:4, 1952.
- LICHTENTHAELER, *Histoire de la Medicine*, Fayard, Paris, 1978.
- MACHADO SANTOS, M. L., «English Surgery and Portugal», *J. Royal Soc. of Med.* 78:240, 1985.
- MAXIMILIANO DE LEMOS, *Ribeiro Sanches. A sua vida e a sua obra*, Porto, 1911.
- NEWTON DE MACEDO, in *História de Portugal*. Edição Monumental, Portucalense Editora, vol. VI, 1932.
- PEREIRA FORJAZ, «As Academias — História e Renovação», *Mem. Acad. Sc. Lisboa*, Tomo VIII, 1964.
- PINA, Luís, in *História de Portugal*. Edição Monumental, vol. VI, Portucalense Editora, 1932.
- RIBEIRO ANGELO, in *História de Portugal*. Edição Monumental, vol. IV, Portucalense Editora, 1932.
- RIBEIRO SANCHES, A. N., *Método para aprender e estudar a medicina*, Paris, 1763.
- SILVA CARVALHO, A., «La Medecine dans la découverte et la colonisation du Bresil», *A. Med. Cont.*, 1937.
- , «A Medicina Portuguesa no século XVII», *Mem. Ac. Sc. Lisboa*, tomo III, 1940.
- VERÍSSIMO SERRÃO, J., *Portugueses no Estudo de Salamanca*, Lisboa, 1962.
- VERNEY, L. A., *Verdadeiro Método de estudar*, Valença, 1747.
- , *Resposta às reflexões*, Valença, 1748.
- WHITE, K. L., «Evaluation and Medicine», in *Economic and Medical Evaluation of Health care Technologies*, Springer Verlag, Berlin, 1982.
- WILLENSE, D., *António N. Ribeiro Sanches — Elève de Boerhaave et son importance pour la Russie*, E. J. Brill, Leiden, 1966.